

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

Thalita Gonçalves da Rocha

**TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO, MUDANÇAS COGNITIVAS E MODELOS
DE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA:**

rejeição à democracia brasileira entre interatores da *fanpage* “Juiz de Fora da depressão”.

**Juiz de Fora
Dezembro de 2014**

Thalita Gonçalves da Rocha

**TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO, MUDANÇAS COGNITIVAS E MODELOS
DE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA:**

rejeição à democracia brasileira entre interatores da *fanpage* “Juiz de Fora da depressão”.

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Francisco José Paoliello Pimenta

Juiz de Fora
Dezembro de 2014

Thalita Gonçalves da Rocha

Tecnologias de Comunicação, mudanças cognitivas e modelos de participação política: rejeição à democracia brasileira entre interatores da *fanpage* “Juiz de Fora da depressão”.

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Francisco José Paoliello Pimenta (FACOM/UFJF).

Aprovado (a) pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Francisco José Paoliello Pimenta (FACOM/UFJF) - orientador

Prof. Dr. Nilson Assunção Alvarenga (FACOM/UFJF) - convidado

Prof.^a. Dr.^a. Soraya Maria Ferreira Vieira (FACOM/UFJF) – convidada

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20____.

Porque Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas (Rm. 11:36).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde, inteligência e por ter colocado todas as pessoas a seguir no meu caminho:

Agradeço aos meus pais e ao meu irmão, pelo apoio incondicional.

Ao meu orientador, professor Francisco Pimenta, por ter me apresentado o mundo da pesquisa, logo no começo de minha graduação e ter me guiado até aqui.

Aos meus amigos, principalmente Valéria Fabri, Iara Bastos e Jéssica Dias pelas inúmeras horas prestadas e a me ouvirem falando sobre essa pesquisa.

Ao grupo PET- Facom que esteve presente no desenvolvimento desse e de muitos outros trabalhos.

Agradeço também aos professores Paulo Roberto e Vinícius Werneck por terem me indicado textos de política; a professora Soraya Ferreira por ter me indicado textos de Pragmaticismo e a Luciana Rodrigues e a Gihana Fava por terem me indicado textos sobre redes sociais.

À medida em que aumenta a velocidade da informação, a tendência política é a de afastar-se da representação e delegação de poderes em direção ao envolvimento imediato de toda a comunidade nos atos centrais de decisão (...) quando se introduz a velocidade elétrica nessa organização mandatária e representacional, esta obsoleta organização somente pode sobreviver em função de uma série de subterfúgios e artifícios, que provocam a indignação de muitos observadores (McLUHAN, 1964, p. 230).

RESUMO

Desde 2009 movimentos ligados ao uso de tecnologias de comunicação têm se alastrado pelo mundo. No Brasil não foi diferente, milhares de brasileiros saíram às ruas em 2013 para protestar, demonstrando insatisfações variadas, inclusive com a forma de governo. Diante desse contexto existencial, ganha relevância o pensamento de autores que previram o enfraquecimento da democracia representativa face à ascensão das tecnologias digitais. O presente trabalho pretende, então, pesquisar se existe essa relação entre a interação com as tecnologias de comunicação, mais especificamente, as plataformas multicódigos e a rejeição à democracia representativa no caso do Brasil, e se ela estaria ligada a manifestações contra essa forma de governo. A pesquisa será feita seguindo o método Pragmaticista, principalmente por meio da utilização da tríade de inferências abduativas, dedutivas e indutivas. Os testes empíricos serão aplicados em uma amostra selecionada aleatoriamente entre usuários do site Facebook filiados à *fanpage* “Juiz de Fora da Depressão”.

Palavras-chave: Tecnologias de Comunicação. Mudanças cognitivas. Democracia representativa. Pragmaticismo. Facebook.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 – Alternativa mais marcada na questão 4	35
Tabela 2 – Segunda alternativa mais marcada na questão 4.....	36
Tabela 3 – Terceira alternativa mais marcada na questão 4	36
Tabela 4 – Alternativa mais marcada na questão 5	37
Tabela 5 – Segunda alternativa mais marcada na questão 5.....	38
Tabela 6- Terceira alternativa mais marcada na questão 5.....	39
Tabela 7- Alternativa mais marcada na questão 6	40
Tabela 8- Alternativas marcadas na questão 8.....	43
Tabela 9- Médias alcançadas na 1ª tríade.....	45
Tabela 10- Médias alcançadas na 2ª tríade.....	45
Tabela 11- Médias alcançadas na 3ª tríade.....	45
Tabela 12- Médias alcançadas na 4ª tríade.....	45
Figura 1 – Imagem dos candidatos que participaram do 2º turno das eleições presidenciais..	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO COMO AGENTES DE MUDANÇAS.....	13
2.1 TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E MUDANÇAS COGNITIVAS.....	13
2.2 TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E O MODO DE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA	15
3 PRAGMATICISMO E O LANÇAMENTO DA HIPÓTESE	19
3.1 O MÉTODO DO PRAGMATICISMO	19
3.2 O <i>FLASH</i> DA ABDUÇÃO.....	20
3.3 JUSTIFICATIVAS CONTEXTUAIS DA HIPÓTESE.....	22
3.3.1 Da utopia de Lévy à wikiconstituição: contexto existencial global.....	23
3.3.2 O gigante acordou? Contexto existencial local.....	27
4 TESTE DA HIPÓTESE	29
4.1 ESCOLHA DA AMOSTRA	29
4.2 DIAGRAMA MENTAÇ DA HIPÓTESE E DEDUÇÃO DE EFEITOS PRÁTICOS	31
4.3 TESTE EMPÍRICO	32
5 ANÁLISE E RESULTADOS.....	33
5.1 VARIÁVEL “TEMPO DE INTERAÇÃO”	33
5.2 VARIÁVEL “CONSCIÊNCIA DOS PADRÕES DE FUNCIONAMENTO DO SOFTWARE, ENQUANTO PLATAFORMA MULTICÓDIGO”	34
5.3 VARIÁVEL “OPINIÃO SOBRE O PADRÃO DE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA VIGENTE”	41
5.4 VARIÁVEL “ATITUDES VOLTADAS A AÇÕES ONLINE PRESENCIAIS.....	43
5.5 PANORAMA GERAL DO COMPORTAMENTO DA AMOSTRA.....	44
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	51

ANEXOS.....	53
ANEXO A – LISTA DE LINKS DE REPORTAGENS E ARTIGOS QUE APRESENTAM O DISCURSO DE INSATISFAÇÃO POLÍTICA COM CONOTAÇÃO GERAL E APRTIDÁRIA.....	53
ANEXO B – QUESTIONÁRIO ENVIADO AOS ENTREVISTADOS.....	54

1 INTRODUÇÃO

A história da política é marcada por manifestações e movimentos de rupturas, que oxigenam o sistema e trazem transformações. No entanto, a última década agregou a esses movimentos as possibilidades do ciberespaço. Das insurreições árabes ao “Junta Brasil”, em 2013, a presença das tecnologias de comunicação pôde ser notada como fator de grande importância. Mas será que esses meios só desempenharam o papel de ferramentas? Ou o seu uso poderia estar envolvido também nas motivações que levaram milhões de pessoas às ruas?

De acordo com os autores que serão apresentados nos primeiros capítulos deste trabalho, o uso das tecnologias de comunicação está intimamente ligado com as formas de interação política. Eles defenderam, mesmo que em épocas distintas e a partir de correntes teóricas diferentes, que esse uso possibilitaria formas de participação direta nos governos e que essas seriam mais bem vistas pela população do que os modos atuais, fundamentados na representação. Ou seja, que a ascensão dos meios de comunicação implicaria na decadência dos modelos governamentais representativos.

Voltando ao cenário das manifestações, pode-se perceber que nos países em que elas ocorreram também houve um aumento da inserção de cidadãos no ciberespaço. No Brasil, por exemplo, o acesso à internet tem crescido: 51% dos brasileiros já estavam conectados em 2013.

Das percepções do uso crescente dessas tecnologias, assim como da ocorrência de manifestações contra as formas de governos estabelecidas somadas às teorias apresentadas pelos autores que serão citados a seguir, chega-se ao objeto de pesquisa deste trabalho: um pequeno mapeamento sobre as possibilidades de sentimentos de rejeição em relação à democracia representativa brasileira em uma amostra de interatores do ciberespaço. Lembrando que a rejeição que será abordada não está ligada a partidos determinados, mas ao esqueleto do sistema em si, ou seja, a escolha de representantes em vez da participação direta.

Então, o objetivo desta pesquisa é averiguar se realmente os cidadãos da amostra escolhida que mais interagem com o ciberespaço de fato são os mesmos que manifestam rejeição a forma de governo vigente no Brasil. E se forem, que atitudes eles tomam a respeito disso? Será que eles participam mais de protestos, por exemplo?

As respostas dessas perguntas são os primeiros passos para um longo caminho de pesquisa a fim de se descobrir se existem ligações entre interações diárias, de caráter informal, em redes sociais, por exemplo, e movimentos que levaram à queda de governos em vários países.

Este trabalho foi feito usando o Pragmaticismo, teoria que se encaixa na estrutura filosófica de Charles Sanders Peirce, como metodologia de base.

Essa teoria, enquanto método de pesquisa propõe um caminho de raciocínios lógicos por parte do pesquisador para se alcançar uma regra geral: Primeiro ele deve chegar a uma hipótese a partir da percepção do contexto existencial ao seu redor, o que Peirce chamou de *flash* da abdução, depois ele deve deduzir quais efeitos práticos seriam observados na amostra escolhida caso essa hipótese fosse verdadeira, apresentando uma espécie de modelo. Por fim, fazendo uma comparação entre seu modelo proposto e o comportamento real da amostra, o pesquisador pode verificar se os efeitos que ele deduziu se confirmaram ou não.

Com os resultados em mãos ele realiza o raciocínio de “indução”, ou seja, pega as conclusões que obteve em uma pequena parcela, a amostra, e propõe uma regra geral para o universo de pesquisa como um todo.

Todo esse caminho está explicitado ao longo deste trabalho, sendo relatado cada tipo de raciocínio lógico aplicado ao exemplo estudado: o caso da possibilidade de rejeição à democracia brasileira entre os interatores da *fanpage* “Juiz de Fora da depressão”, no Facebook.

Além dos passos lógicos, estão também descritos os testes empíricos aplicados nessa amostra, assim como os seus resultados.

2 TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO COMO AGENTES DE MUDANÇAS

2.1 TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E MUDANÇAS COGNITIVAS

O professor Francisco Pimenta, em seu livro “Comunicação multicódigos e o pensamento mutante” (2014), faz uma relação de autores que discorreram sobre mudanças cognitivas advindas do uso de tecnologias de comunicação. Ele aponta diversos teóricos que abordaram esse assunto com base em perspectivas diferentes, como alguns dos que serão citados a seguir, mostrando que esse tema não é recente.

Desde o início da década de 60, o filósofo canadense Marshall McLuhan, por exemplo, já defendia que o uso dessas tecnologias não apenas alterariam os hábitos da vida humana, mas também as estruturas do pensamento e da valoração (McLUHAN, 1964, p.83) Em sua obra “Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem”, o autor dividiu a história da civilização ocidental letrada em duas eras: a mecânica e a elétrica (McLUHAN, 1964, p.17).

A era mecânica, iniciada com a alfabetização fonética, foi marcada por tecnologias fragmentadas, especializadas e lineares. Já a era elétrica, marcada pela “simulação tecnológica da consciência humana” (McLUHAN, 1964, p.17), culmina em uma implosão do tempo e do espaço e no direcionamento da humanidade a uma “aldeia global”(McLUHAN, 1964, p.112).

Pode-se fazer uma relação com o que McLuhan chamou de “aldeia global”(McLUHAN, 1964, p.17) e o conceito de “inteligência coletiva” do filósofo francês Pierre Lévy, pois ambos apontam para o crescimento de uma mente coletiva. Essa seria um “campo total da consciência inclusiva” (McLUHAN, 1964, p.124), ou seja, uma “inteligência distribuída por toda parte” (LÉVY, 1998, p. 28) que seja coordenada em tempo real com o auxílio das tecnologias de comunicação.

A ideia do pensamento humano como construção coletiva liga esses conceitos à obra do lógico C.S. Peirce. Para ele, assim como os demais seres vivos, os seres humanos estão inseridos em uma corrente sígnica, a lógica ou o “pensamento” do Universo (PEIRCE, 1931-58) e os processos de descoberta e raciocínio são mais eficientes à medida em que se aproximam dessa lógica. (PEIRCE, 1931-58).

Um dos fatores que favorecem a proximidade dos conceitos com a lógica do Universo seria a heterocrítica, ou seja, a atitude de submeter os conceitos ao maior número de críticas possíveis (PEIRCE, 1931-58). Numa atualização dessas ideias, Henry Jenkins (2008) ressalta em seu livro “Cultura da convergência” como as tecnologias de comunicação estão possibilitando certa medida de heterocrítica ao mercado midiático, apresentando diversos modelos da construção coletiva de significação e significados pelos grupos de consumidores.

Ao observar comunidades de fãs de *Survivor*, *Matrix* e Guerra nas Estrelas, Jenkins ilustra com vários exemplos a articulação da inteligência coletiva à tomada de decisões: os fãs formam uma grande enciclopédia sobre suas séries, agregando as partículas de informações individuais, ou seja, unem seus saberes (JENKINS, 2008, p.56; e também LÉVY, 1998, p.27); as comunidades seguem um modelo de participação direta e aberta, embora, com o tempo, a verificação de maior *expertise* no assunto desencadeie hierarquias baseadas na confiabilidade (JENKINS, 2008, p.66). Além disso, Jenkins observou que a formação das comunidades segue um padrão geograficamente desterritorializante, com trocas de informações em tempo simultâneo (JENKINS 2008, p.63; e também McLUHAN, 1964, p.114) e os grupos se unem em movimentos e protestos para exigirem o cumprimento ou negociação de suas sugestões com os representantes do mercado midiático (JENKINS, 2008, p.119-131).

Essa ação coletiva que dá aos consumidores maior poder de representatividade frente ao mercado também poderia, segundo Jenkins, influenciar a tomada de outros tipos de decisões:

A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático. Estamos aprendendo a usar esse poder em nossas interações diárias dentro da cultura da convergência. Neste momento, estamos usando esse poder coletivo principalmente para fins recreativos, mas em breve estaremos aplicando essas habilidades a propósitos mais “sérios”(JENKINS, 2006, p.28).

Surge então a pergunta: será que um desses propósitos mais sérios poderia ser a participação política?

2.2 TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E O MODO DE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Um fato em comum nas obras dos autores citados anteriormente é que eles dedicaram capítulos e partes de seus livros para pensarem como ficariam variadas questões de caráter social e político em vista das transformações cognitivas geradas pelas tecnologias de comunicação.

McLuhan, por exemplo, fez críticas severas à forma de funcionamento das instituições sociais de um modo geral. Para ele, elas estavam fundamentadas na era mecânica e não conseguiriam coexistir com a dinâmica de transformação da era elétrica (McLUHAN, 1964). A política, juntamente com as formas tradicionais de ensino, foram seus alvos mais citados:

À medida em que aumenta a velocidade da informação, a tendência política é a de afastar-se da representação e delegação de poderes em direção ao envolvimento imediato de toda a comunidade nos atos centrais de decisão (...) quando se introduz a velocidade elétrica nessa organização mandatária e representacional, esta obsoleta organização somente pode sobreviver em função de uma série de subterfúgios e artifícios, que provocam a indignação de muitos observadores, que consideram esses recursos como traições soezes aos objetivos e propósitos originais das formas estabelecidas (McLUHAN, 1964, p. 230).

Como se pode perceber, o autor defendia um envolvimento direto da comunidade ao invés do sistema representativo, mesma ideia que é retomada por Pierre Lévy ao redigir um “Manifesto por uma política molecular” (Lévy, 1998, p.59), no qual descreve um sistema de democracia direta, através de “ágoras virtuais” (LÉVY, 1998, p.62).

Para Lévy, os procedimentos dos governos atuais são para sociedades estáveis, mas hoje vivemos em constantes mudanças e em meio a oceanos de informações e, por isso, “o hiato entre o caráter diluviano dos fluxos de mensagens e os modos tradicionais de decisão e orientação faz-se cada vez mais evidente” (LÉVY, 1998, p.61). Tanto ele quanto McLuhan adjetivam essa forma de governo como “lenta, rígida e fragmentada” (McLUHAN, 1964, p. 112 e também LÉVY, 1998, p.61) e Lévy, indo mais adiante, diz que esse sistema compromete a real democracia (LÉVY, 1998, p.62).

Existem três correntes que definem a democracia: aristotélica, romana e de Maquiavel. A concepção aristotélica da soberania do povo restrita às leis por ele mesmo deliberadas foi adotada na maior parte da tradição do pensamento ocidental, embora a democracia representativa no ocidente siga alguns padrões da democracia romana, na qual o povo “cria o direito através do voto” (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 1998, p.321), ou

seja, o povo é a fonte originária do poder, mas pode existir um efetivo detentor do poder soberano (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 1998), um representante.

Quando Lévy fala em democracia, ele se aproxima do modelo aristotélico e aponta as tecnologias de comunicação como favorecedoras dessa deliberação conjunta, articulando essa ideia ao modelo das ágoras gregas:

O uso dessas “ágoras virtuais” melhoraria sensivelmente a elaboração das questões, a negociação e a tomada de decisão em coletivos heterogêneos e dispersos. (...) A democracia só progredirá explorando da melhor forma as ferramentas de comunicação contemporâneas (LÉVY, 1998, p.62).

Portanto, seu manifesto é por uma “democracia direta”, seguindo o seu modelo da “Dinâmica da cidade inteligente” (LÉVY, 1998, p.69), uma “utopia realizável” que Jenkins retoma em sua obra (JENKINS, 2008, p.316). Com uma visão mais comedida, o pesquisador norte-americano destaca campanhas inspiradas na cultura popular que trazem à tona ideias de “mudanças no papel do público no processo político” (JENKINS, 2008, p.287) e na forma como as pessoas pensam sobre comunidade e poder, “para que sejam capazes de mobilizar a inteligência coletiva e transformar o governo” (JENKINS, 2008, p.287).

Jenkins ressalta também que a esfera do ciberespaço, apontada por Lévy como lugar ideal para ocorrer a dinâmica interativa que possibilita a democracia direta, é um ambiente onde ocorre um “jogo de forças” entre mídias e entre corporações tradicionais e grupos alternativos. Isso quer dizer, segundo ele, que a esfera por si mesma não é suficiente para gerar espontaneamente as “ágoras virtuais”, mas que “o público precisa lutar por seu direito de participar, por seu acesso à informação e pelo conseqüente poder de moldar os processos democráticos” (JENKINS, 2008, p.292).

Outro autor que associou o ciberespaço com a democracia foi Howard Rheingold, em seu livro “A comunidade virtual” (1996). O pesquisador norte-americano descreveu as comunidades ou agregações sociais no ciberespaço como lugares para debates, desenvolvimento de laços sociais e autoconstrução de culturas diversificadas (RHEINGOLD, 1996), apontando, como Jenkins, que para isso é fundamental que “as suas capacidades latentes sejam conduzidas, deliberada e inteligentemente, por uma população esclarecida” (RHEINGOLD, 1996, p.17).

Segundo Rheingold, as Comunicações Mediadas por Computadores - CMC poderiam vir a veicular e a refletir os códigos culturais, o subconsciente social e o autoconceito dos seres humanos em três níveis: alterando percepções, pensamentos e personalidades no sentido individual; no desenvolvimento das relações interpessoais, no

sentido de comunidade e, por fim, no nível político, que deriva do nível social (RHEINGOLD, 1996).

Para Rheingold, essa veiculação torna o futuro das CMCs e da democracia intimamente ligados:

Em virtude da sua influência potencial nas convicções e percepções de um número tão grande de indivíduos, o futuro da Rede está ligado ao futuro da comunidade, da democracia, da educação, da ciência e da vida intelectual – algumas das instituições humanas mais prezadas, independente da importância dada ao futuro da tecnologia da informática (RHEINGOLD, 1996, p. 19).

Mas será que as aspirações desses autores ainda estão em um plano ideal futurista ou já se pode notar uma emergência de movimentos em prol dessa forma democrática? E ainda, será que o nível de esclarecimento ou pelo menos de percepção da população em relação às possibilidades políticas do ciberespaço estaria, de fato, em um ritmo crescente?

Para obter algumas respostas, mesmo que iniciais ou provisórias, é que esta pesquisa foi iniciada, tendo o método Pragmaticista como viés de compreensão.

3 PRAGMATICISMO E O LANÇAMENTO DA HIPÓTESE

3.1 O MÉTODO DO PRAGMATICISMO

Charles Sanders Peirce trouxe várias contribuições teóricas para a pedagogia, a psicologia instrumental, a matemática e a ciência de modo geral. Mas o estudioso americano dedicou a maior parte de seus esforços em estudos lógicos, e, a partir disso, idealizou uma teoria que busca entender a lógica envolvida nos fenômenos:

Assim, em resumo, a minha filosofia pode ser descrita como a tentativa de um físico para conjecturar, por exemplo, acerca da natureza do universo tanto quanto os métodos da ciência o permitam, e com o auxílio de tudo aquilo que os filósofos anteriores fizeram. (PEIRCE, C., 1983, p.113).

Sobre essa natureza do universo, Peirce observou que ela seguia uma lógica própria, pensamento que posiciona sua teoria na corrente realista (PIMENTA, 2014), já que considera os fenômenos externos à compreensão humana e o real como “aquilo que não é o que eventualmente dele pensamos, mas que permanece não afetado pelo que possamos dele pensar”(PEIRCE, C., CP.,8.12).

Observando os fenômenos, Peirce desenvolveu um sistema de categorias universais para entendê-los e deu início ao seu estudo da Fenomenologia, “ou doutrina das categorias” (SANTAELLA, 1997, p.98): a Primeiridade, categoria das qualidades e potencialidades; a Secundidade, relativa à existência concreta; e a Terceiridade, categoria das leis e convenções. Após sua proposição, essas categorias permeariam todos os seus estudos seguintes.

A partir desses conceitos, o autor concebeu que o refinamento dos hábitos mentais dos seres vivos, ou seja, o processo lógico realizado para ampliar seus conhecimentos, configuraria uma busca por uma aproximação a essa lógica do Universo. Peirce sintetizou alguns passos desse processo e daí surgiu o Pragmaticismo (PIMENTA, 2014), ou “método para determinar o significado dos conceitos intelectuais” (NÖTH, 1995, p. 34).

Esses passos seriam, segundo ele, seguidos tanto para ampliação de conhecimentos intelectuais simples por parte de animais, quanto para as descobertas científicas, ou seja, qualquer busca de significação. Pimenta sintetiza assim essa postura:

O significado passa a ser associado a uma possível mudança de hábitos derivada de resultados obtidos com a investigação, decorrente, por sua vez, do lançamento de hipóteses, da dedução de suas possíveis consequências práticas e da avaliação do

grau de confirmação indutiva desses efeitos previstos perante os fatos observados (PIMENTA, 2014, p.12).

Conforme as afirmações acima, as três categoriais estão presentes em todos os estudos de Peirce e, portanto, aparecem nas etapas dessa busca ou investigação representadas nas três formas de raciocínio: a abdução, a indução e a dedução.

3.2 O *FLASH* DA ABDUÇÃO

A abdução é o processo lógico de associação entre ideias inusitadas derivadas dos juízos perceptivos que são desencadeados pela relação entre signo e objeto (PIMENTA, 2014), ou seja, é uma espécie de *insight*, conforme diria Peirce:

A sugestão abdutiva advém-nos como num *flash*. É um ato de *insight*, embora um *insight* extremamente falível. É verdade que os diferentes elementos da hipótese já estavam em nossas mentes anteriormente; mas é a ideia de reunir aquilo que nunca antes tínhamos pensado em associar que lampeja a nova sugestão diante de nossa contemplação (Peirce, 1931-58: 5.181).

Por meio da abdução lançamos hipóteses, que são respostas provisórias no esforço de compreensão àquilo que se impõe à percepção, decorrente de um contexto existencial independente e infinito. Esse seria o objeto dinâmico, ou Percepto, (PIMENTA, 2014), que, no caso desta pesquisa, seriam os processos de interação com as tecnologias de comunicação e com a política. Este trabalho parte da ideia de que esses contextos existem de modo independente desta pesquisa e são infinitos em suas variáveis e, portanto, impossíveis de serem totalmente descritos e entendidos dinamicamente por uma única mente ou em uma obra acadêmica. Daí, a necessidade de constantes reformulações e novas pesquisas, dentro da postura de humildade científica proposta por Peirce sob o nome de “falibilismo”.

O lançamento de hipóteses parte, então, de uma sequência perceptiva que é desencadeada em uma mente interpretadora quando esta entra em contato com os objetos dinâmicos. Mas como já foi dito, esses objetos são infinitos, portanto, a conexão com eles se dá através de suas representações, ou signos.

Na primeira fase da percepção, a mente interpretadora entra em contato com um signo “tomado como originário” do objeto dinâmico, o Representamen (PIMENTA, 2014, p. 32). É importante lembrar que o objeto dinâmico possui várias faces, ou representações e essa mente dialogará apenas com algumas delas.

Esse signo originário, então, “gera um primeiro interpretante, ainda inconsciente, que constitui o objeto imediato” (PIMENTA, 2014, p.32). A expressão “interpretante” se refere a um outro signo que é gerado na mente interpretadora:

Cumpra reter da definição a noção de interpretante. Não se refere ao intérprete do signo, mas a um processo relacional que se cria na mente do intérprete. A partir da relação de representação que o signo mantém com seu objeto, produz-se na mente interpretadora um outro signo que traduz o significado do primeiro (é o interpretante do primeiro). Portanto o significado de um signo é outro signo — seja este uma imagem mental ou palpável, uma ação ou mera reação gestual, uma palavra ou um mero sentimento de alegria, raiva... uma ideia, ou seja lá o que for. (SANTAELLA, 1983, p.12)

Essa corrente de signos que são traduções de outros signos prossegue indefinidamente, num processo denominado semiose, e, assim como um outro signo intitulado Juízo Perceptivo é gerado como interpretante do Representamen, o objeto também gera um novo signo, um ‘objeto imediato’, que funciona como seu interpretante (PIMENTA, 2014).

Nessa pesquisa, o objeto imediato principal que poderíamos obter seria a percepção da interação com as tecnologias de comunicação como geradoras de mudanças cognitivas em direção ao fortalecimento da “mente coletiva”, assunto do primeiro capítulo deste trabalho. E o Juízo Perceptivo, ou seja, a “consciência de algo singular por meio de representação geral” (PIMENTA, 2014, p. 28), seria a sensação de que essas mudanças cognitivas estariam se disseminando (PIMENTA, 2014, p.28), e que, ao mesmo tempo, a rejeição ao padrão de interação proposto pela democracia representativa também estaria aumentando.

Por fim, na terceira fase da percepção, um novo signo é gerado para traduzir o signo “juízo perceptivo” em relação ao novo objeto constituído pelo objeto imediato, e esse novo interpretante recebe o nome de inferência abdutiva, ou seja, chega-se à hipótese proposta.

Antes que a hipótese seja aqui descrita, no entanto, é preciso que ela seja localizada. Assim, dentro do infinito campo que descreve as tecnologias de comunicação, será considerado o subgrupo das redes digitais, e, mais especificamente, como subgrupo dessas redes, serão contempladas as plataformas multicódigos, definidas por Pimenta como aqueles processos comunicacionais que se dão de forma sinestésica, presencial, ubíqua e imediata, e nos quais as mentes envolvidas apresentam maior consciência de seus hábitos inferenciais e dos próprios processos que as envolvem (Pimenta, 20014). E dentro do campo também múltiplo de exemplos de democracias representativas, será selecionada a brasileira.

Portanto, considerando a democracia representativa no Brasil e o atual contexto comunicacional marcado pelas plataformas multicódigos, é proposta a seguinte hipótese: na medida em que aumenta a interação dos cidadãos com os processos comunicacionais multicódigos, se observada maior consciência de suas características funcionais, mais ocorre uma rejeição aos padrões de participação política no Brasil, advindo daí atitudes voltadas a ações online e presenciais contra essa forma de governo.

Essa hipótese é uma associação de ideias que já estavam presentes nas mentes interpretadoras envolvidas, ou seja, a interação com os processos comunicacionais que se dão nas plataformas multicódigos, as tecnologias de comunicação como geradoras de pensamentos em transformação, e a rejeição ao padrão interativo da democracia representativa brasileira. A associação decorreu de um *insight*, ou, conforme dizia Peirce, de um lampejo diante dessa relação (PEIRCE 1931-58: 5.181).

3.3 JUSTIFICATIVAS CONTEXTUAIS DA HIPÓTESE

Para melhor entendimento e justificativa dessa hipótese é preciso especificar seu contexto existencial e sócio, a começar pela ideia de estar havendo um aumento da rejeição ao padrão interativo oferecido pela democracia representativa. Esta pesquisa parte da compreensão de que os autores citados no segundo capítulo são representantes desse contexto sócio do conhecimento, ou seja, fazem parte de um campo epistemológico que aborda a relação das tecnologias de comunicação com uma nova forma de se enxergar a participação política. E daí, de um modo geral, eles inferem que o aumento da interação com essas tecnologias possui uma relação de proporção direta com a rejeição ao modo de interação da democracia representativa (McLUHAN, 1964; LÉVY 1998; JENKINS, 2008; RHEINGOLD, 1996).

Ainda no campo epistemológico, pode-se citar o cientista político francês Bernard Manin, conhecido por seus trabalhos sobre a democracia representativa¹. Em seu artigo “As Metamorfoses do Governo Representativo”, Manin discorre sobre uma crise da representação política nos países ocidentais por conta de um declínio nas relações de identificação entre

¹ WIKIPÉDIA. **Perfil de Bernard Manin**. Disponível em: < http://fr.wikipedia.org/wiki/Bernard_Manin > Acesso em 20 out 2014.

representantes e representados. Para ele “a eleição de representantes já não parece um meio pelo qual os cidadãos indicam as políticas que desejam ver executadas” (MANIN, 1995, s/p)

Esse cientista político também caracteriza o governo representativo a partir de quatro princípios comuns a todos os governos desse tipo: os representantes são eleitos pelos representados; os representantes não tem obrigação legal, no sentido jurídico, de cumprirem o que prometerem aos representados; a opinião pública sobre assuntos políticos pode se manifestar independentemente do controle do governo; e as decisões políticas são tomadas após debate (MANIN, 1995, s/p).

É interessante notar semelhanças e diferenças entre alguns desses princípios e o modelo de articulação observada nas comunidades de fãs analisadas por Henry Jenkins, citadas no início desse trabalho. O primeiro ponto é que, em ambos, a hierarquia é desencadeada com base na confiabilidade, visto que os representantes e fãs dão “voz” a indivíduos que consideram capazes. No entanto, nas comunidades, a hierarquia não impede a participação aberta, ou seja, mesmo que certos indivíduos tenham maior credibilidade, a opinião de todos pode ser considerada, como no exemplo que Jenkins traz no capítulo sobre *Survivor*. Já no governo representativo a participação não é aberta, pois, uma vez eleitos, os representantes ganham suporte jurídico e podem até mesmo mudar suas prerrogativas, conforme o segundo princípio de Manin.

O outro ponto é que tanto os grupos de fãs quanto de representados se unem por interesses comuns organizando movimentos e protestos e utilizam de práticas coletivas de coibição, apesar da falta de suporte jurídico. É o caso dos fãs que combinam de não comprarem determinado produto como forma de pressão comercial, ou dos representados que tentam impedir as reeleições através de mobilizações da opinião pública.

3.3.1 Da utopia de Lévy à wikiconstituição: contexto existencial global

Por ser inserido na corrente realista, o método Pragmaticista “busca, a todo tempo, se referenciar em contextos existenciais” (PIMENTA, 2014, p. 18), ou seja, fatos concretos que fundamentem as concepções teóricas, portanto, torna-se necessária uma breve exposição sobre acontecimentos recentes que possam estar relacionados à hipótese.

Como foi dito anteriormente, Lévy e Rheingold associaram o futuro da democracia ao da internet na década de 90. O livro de Lévy, “A inteligência coletiva”, por exemplo, foi escrito um ano depois de a internet ter saído das universidades para se tornar um produto comercial. Portanto, suas teorias sobre a construção de formas de governo através das “ágoras virtuais” poderiam soar como previsões futuristas, o que levou o próprio autor a classificá-las como “utopia”. O que dizer então de McLuhan, que anunciou na década de 60 a queda e a desmoralização de governos representativos?

No entanto, a partir do ano de 2009 movimentos sociais se alastraram por todo mundo, muitos deles levantando bandeiras contra seus governos, tais como as insurreições árabes, os “Indignados da Espanha”, o *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos e a “Revolução das painéis”, na Islândia.

Alguns desses movimentos foram estudados pelo sociólogo espanhol Manuel Castells em seu livro “Redes de indignação e esperança” e o autor apontou o uso da internet como fator comum, além da busca pelo que ele nomeou como “democracia real” (CASTELLS, 2012, p.9):

Em todos os casos, os movimentos ignoraram partidos políticos, desconfiaram da mídia, não reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram toda a organização formal, sustentando-se na internet e em assembleias locais para o debate coletivo e a tomada de decisões. (CASTELLS, 2012, p.9)

Para Castells, uma comunicação autônoma é a essência dos movimentos sociais (CASTELLS, 2012, p.19) desde a época dos folhetins, porém os recursos comunicacionais de hoje, mais interativos, potencializam a “formação de um processo de ação coletiva” (CASTELLS, 2012, p.19).

O sociólogo aponta a Tunísia e a Islândia como precursores desses movimentos e como modelos “analiticamente significativos”, porque em ambos os países “houve transformações políticas tangíveis, assim como novas culturas cívicas emergindo dos movimentos num intervalo muito curto de tempo” (CASTELLS, 2012, p.24). No entanto, para este trabalho será brevemente apresentado apenas o caso da Islândia.

O movimento na Islândia começou em 2008, quando o governo islandês nacionalizou os três maiores bancos do país, que estavam indo à falência por conta de

especulações financeiras.² Essa operação mal sucedida não evitou o colapso dos bancos e fez a dívida externa da Islândia aumentar consideravelmente, levando o país à bancarrota³: a moeda oficial caiu e a Bolsa chegou a ter uma queda de 76%⁴.

O cantor Hördur Torfason começou um protesto solitário no dia 11 de Outubro de 2008 em frente ao Parlamento Islandês (CASTELLS, 2012), que logo foi divulgado pela internet. Na semana seguinte, mais pessoas se juntaram a ele e os participantes estabeleceram o "Raddir fólksins" (Vozes da ação⁵), grupo que prometeu se reunir todos os sábados até que o governo caísse.

Mas foi no dia 20 de janeiro de 2009 que os protestos ganharam força. Entre 1.000 a 2.000 pessoas entraram em confronto com a polícia de choque nos arredores do parlamento, que usou spray de pimenta⁶. Os protestantes bateram panelas e tocaram buzinas para interromper a primeira reunião do ano do parlamento islandês e por isso o movimento ficou conhecido como "Revolução do Panelaço" ou "Revolução das Panelas".

Os protestos continuaram *online* e *off-line* até que as principais reivindicações fossem ouvidas. Em 2009, as eleições para o Parlamento foram antecipadas e o povo elegeu novos líderes, visto que os partidos tradicionais já estavam há oitenta anos no poder, decidiu por plebiscito não pagar a dívida externa dos bancos, exigiu que os banqueiros fossem acusados e que uma nova constituição fosse feita.

² CARTA MAIOR. **Islândia, um país que pune os banqueiros responsáveis pela crise.** Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Economia/Islandia-um-pais-que-pune-os-banqueiros-responsaveis-pela-crise/7/16467>> Acesso em: 14 nov. 2014.

³ TVI 24. **Islândia vai acusar banqueiros que levaram país à bancarrota.** Disponível em: <<http://www.tvi24.iol.pt/economia/acusacao/islandia-vai-acusar-banqueiros-que-levaram-pais-a-bancarrotta>> Acesso em: 14 nov. 2014.

⁴ CARTA MAIOR. **Islândia, um país que pune os banqueiros responsáveis pela crise.** Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Economia/Islandia-um-pais-que-pune-os-banqueiros-responsaveis-pela-crise/7/16467>> Acesso em: 14 nov. 2014.

⁵ Tradução do nome do grupo pelo Google, retirada do site Wikipédia. Disponível em: <http://is.wikipedia.org/wiki/Raddir_f%C3%B3lksins> Acesso em: 14 nov. 2014.

⁶ WIKIPÉDIA. **Protestos contra a crise financeira na Islândia 2008-2009.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_contra_a_crise_financeira_na_Isl%C3%A2ndia_em_2008-2009>. Acesso em: 14 nov. 2014.

Como, na época, apenas 11% dos islandeses confiava no Parlamento (CASTELLS, 2012, p. 39), este decidiu nomear um “Conselho da Assembleia Constitucional-CAC”, cujos membros foram eleitos entre os cidadãos e pelos cidadãos. Este conselho criou uma página no Facebook e uma no Twitter para que a população pudesse enviar suas sugestões para a nova constituição⁷, além de um canal no Youtube onde entrevistas com os membros do conselho ficavam disponíveis. Até as reuniões da CAC foram transmitidas ao vivo⁸ e assim foi formada a wikiconstituição (CASTELLS, 2012, p. 40).

O que aconteceu na Islândia pode ser visto como a realidade mais próxima do modelo proposto por Lévy, que defendia uma democracia direta que permitisse a cada cidadão “contribuir de maneira contínua para a elaboração e o aperfeiçoamento dos problemas comuns” (LÉVY, 1998, p.65) em tempo real, no ciberespaço. No entanto, para Lévy, a população deveria aprender a falar e ouvir os demais através de uma “ética da sinfonia” (LÉVY, 1998, p.67), como em uma espécie de coral sem maestro, ou seja, seu modelo descartaria a CAC.

O que ocorreu também se aproxima do modelo de funcionamento das comunidades de fãs descrito por Jenkins (2008), já que uma hierarquia foi desencadeada pela confiabilidade depositada nos cidadãos eleitos para fazerem parte da CAC, mas esta não impediu a participação direta.

3.3.2 O gigante acordou? Contexto existencial local.

Com certeza existem muitas diferenças entre o Brasil e a Islândia. A começar pela população da ilha, que tem 166 mil moradores a menos do que a cidade de Juiz de Fora, enquanto o Brasil tem em torno de 200 milhões de habitantes.

⁷ TERRA. **Islândia escreve constituição colaborativa, via Facebook**. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/internacional/noticias/2011/06/14/islandia-escreve-constituicao-colaborativa-via-facebook/>> Acesso em: 15 nov 2014.

⁸ ESQUERDA. NET. **Islândia reescreve constituição com ajuda do Facebook e do Twitter**. Disponível em: <<http://www.esquerda.net/artigo/isl%C3%A2ndia-reescreve-constitui%C3%A7%C3%A3o-com-ajuda-do-facebook-e-twitter>>. Acesso em 15 nov. 2014.

Outra questão é o desenvolvimento democrático dos países: a Islândia possui a democracia mais antiga do mundo⁹, enquanto, no Brasil, a democracia, que começou tardiamente, passou por várias dificuldades como o domínio das oligarquias, um governo totalitário e um regime militar de vinte um anos.

Esse processo histórico se reflete na consolidação da democracia e do pensamento democrático no país: em 2013, o Brasil ocupou o 44º lugar no ranque das democracias realizado pela *Economist Intelligence Unit*, sendo classificado como uma democracia incompleta, enquanto a Islândia ficou em 3º lugar. O índice baseia-se em 60 indicadores organizados em cinco categorias: processo eleitoral e pluralismo, liberdades civis, funcionamento do governo, participação política e cultura política.¹⁰

Por fim, existe a questão do acesso à internet, que na Islândia alcança 94% dos cidadãos¹¹, meta para a qual o Brasil avança, mas ainda está distante: em 2013, 51% dos brasileiros estavam conectados à internet.¹²

Apesar das diferenças entre Brasil e Islândia, Castells afirma que o modelo da ilha pode ser ampliado para outras realidades, o que de fato tem ocorrido. A ideia islandesa já foi copiada em países como Irlanda, Bélgica, Holanda, Canadá, e inclusive na América do Sul: no processo de diálogo de paz entre o governo da Colômbia e as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) foi criado um site para receber as sugestões dos cidadãos nas negociações.¹³

⁹ COSIFI. **A lição democrática da Islândia**. Disponível em: <<http://www.cosif.com.br/publica.asp?arquivo=20120517islandia>>. Acesso em 15 nov 2014.

¹⁰ EXAME.COM. **Noruega é país mais democrático; Brasil é 44º**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/noruega-e-pais-mais-democratico-brasil-e-44o>>. Acesso em: 15 nov 2014.

¹¹ WIRED.CO.UK. **Incelders turn in first draft of crowdsourced constitution**. Disponível em: <<http://www.wired.co.uk/news/archive/2011-08/01/iceland-constitution>>. Acesso em: 15 nov 2014.

¹² O GLOBO. **Número de internautas no Brasil alcança percentual inédito, mas acesso ainda é concentrado**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/numero-de-internautas-no-brasil-alcanca-percentual-inedito-mas-acesso-ainda-concentrado-13027120>>. Acesso em 16 nov 2014.

¹³ OPERAMUNDI. **Democracia colaborativa só aconteceu na Islândia por pressão popular, diz constituinte**. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/29617/democracia+colaborativa+so+aconteceu+na+islandia+por+pressao+popular+diz+constituente.shtml>>. Acesso em 15 nov 2014.

Além disso, assim como na Islândia em 2008, o Brasil também foi marcado em 2013 por protestos em busca da inovação social: o movimento que ficou conhecido como “Junta Brasil”, envolveu 438 cidades brasileiras, mobilizando cerca de 2 milhões de participantes¹⁴. E como no restante dos protestos observados por Castells, os manifestantes foram às ruas por insatisfações variadas e, nesse contexto, o termo “insatisfação política” apareceu muitas vezes com conotação geral.¹⁵

Enquanto na Islândia o estopim do movimento foi o protesto do cantor Hördur Torfason, no Brasil as manifestações foram desencadeadas pela repressão ao movimento “Passe livre”, em São Paulo. Mas nos dois países a porcentagem de cidadãos que confiavam nos seus representantes fez grande diferença: na Islândia 11% dos cidadãos estava confiando nos parlamentares em 2008 e no Brasil, em 2013, o ‘Congresso’ e os ‘partidos políticos’ ficaram na última posição do ranque de confiabilidade das instituições promovido pelo Ibope, obtendo 29 e 25 pontos do total de 100, respectivamente. A instituição ‘presidência da república’ também obteve nota vermelha: 42 pontos.¹⁶

Por fim, em 2014, ano de eleições, pesquisas mostraram que embora 74% da população brasileira estivessem ansiando por mudanças na próxima gestão presidencial¹⁷, 26% não estavam interessadas nas eleições de Outubro de 2014¹⁸, dados que refletiram no comparecimento às urnas, quando 21,1% da população se abstiveram do voto.¹⁹

¹⁴

CORREIO BRASILIENSE. **Quase 2 milhões de brasileiros participaram de manifestações em 438 cidades.** Disponível em : <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2013/06/21/interna_brasil,372809/quase-2-milhoes-de-brasileiros-participaram-de-manifestacoes-em-438-cidades.shtml>. Acesso em 01 abril. 14.

¹⁵ Uma lista de reportagem que citam discursos com essa conotação pode ser encontrada na seção “Anexos” dessa pesquisa.

¹⁶ ESTADÃO. **Ibope: protestos derrubam credibilidade das instituições** . Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,ibope-protestos-derrubam-credibilidade-das-instituicoes,1059657>>. Acesso em 16 nov 2014.

¹⁷ JORNALISMO POLÍTICO. **População está pessimista e 74% dos brasileiros quer mudança, diz pesquisa.** Disponível em:< <http://jornalismopolitico.org/populacao-esta-pessimista-e-74-dos-brasileiros-quer-mudanca-diz-pesquisa/> >. Acesso em 30 ago.2014

¹⁸ UOL NOTÍCIAIS. **Pesquisa aponta que 26% dos brasileiros não têm interesse nas eleições.** Disponível em : <<http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2014/06/19/pesquisa-aponta-que-26-dos-brasileiros-nao-tem-interesse-nas-eleicoes.htm>>. Acesso em 30 ago.2014.

¹⁹ CLIQUE DIÁRIO. **Abstenção dos eleitores chama atenção. Quase um quarto da população não votou.** Disponível em: < <http://www.cliquediario.com.br/en/jornal/politica/4160/Absten%C3%A7%C3%A3o-dos->

Assim como Castells, o professor Eiríkur Bergmann, da Escola de Ciências Sociais da Bifröst University, na Islândia, afirma que o Brasil tem potencial para desenvolver métodos semelhantes aos da CAC se superar a questão do acesso à tecnologia.²⁰ Mas será que apenas a dificuldade técnica afasta o país dessa possibilidade ou a população também não está preparada para esse tipo de ação?

Obviamente os brasileiros que ainda não possuem contato com essas tecnologias estão fora do escopo desta pesquisa, mas seu objetivo é justamente verificar se pensamentos direcionados a essas possibilidades já começaram e emergir na amostra escolhida.

4 TESTE DA HIPÓTESE

4.1 ESCOLHA DA AMOSTRA

Como dito anteriormente, as plataformas multicódigos definidas por Pimenta (20014) e a democracia brasileira foram selecionadas como subgrupos a serem estudados para fins de pesquisa e localização da hipótese. No entanto, essas categorias ainda se comportam como objetos dinâmicos de caráter infinito, sendo, portanto, impossível pesquisá-las em sua plenitude. Quando isso ocorre é usado o método de amostragem, “que consiste em obter um juízo sobre o total (universo), mediante a compilação e exame de apenas uma parte, a amostra, selecionada por procedimentos científicos” (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 162).

No caso deste trabalho, os procedimentos adotados serão referentes à pesquisa do tipo qualitativa, que se preocupa com realidades não quantificáveis (MINAYO, 2001), o que quer dizer que sua validação não está no número de sujeitos incluídos na amostra, mas na profundidade e abrangência do estudo a ela relacionado (MINAYO, 2001). Em uma pesquisa qualitativa, a amostra deve ser definida ao acaso (PIMENTA, 2014), selecionando sujeitos que estejam significativamente vinculados ao problema estudado.

eleitores-chama-aten%C3%A7%C3%A3o-Quase-um-quarto-da-popula%C3%A7%C3%A3o-n%C3%A3o-votou.htm> . Acesso em 16 nov 2014.

²⁰ OPERA MUNDI. **Democracia colaborativa só aconteceu na Islândia por pressão popular, diz constituinte.** Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/29617/democracia+colaborativa+so+aconteceu+na+islandia+por+pressao+popular+diz+constituente.shtml>>. Acesso em 16 nov 2014.

Observando esses requisitos foi escolhido como exemplo de plataforma multicógos o site de rede social Facebook. Esse software permite a inserção de imagens estáticas e em movimento, faixas sonoras e códigos verbais, possibilitando, portanto, processos comunicacionais sinestésicos. Ele também permite uma comunicação ubíqua e imediata (reservadas às limitações de conexão com a internet) para milhões de pessoas, sendo o segundo site mais acessado no Brasil e no mundo.²¹

É importante ressaltar que o Facebook é um espaço utilizado para a expressão de uma rede social na Internet (RECUERO, 2009), isto é, o site atua como suporte para as interações que constituem uma rede social (RECUERO, 2009) o que confere ao processo comunicacional que ali ocorre algumas características específicas.

Uma rede social é sempre um conjunto de atores e suas relações (RECUERO, 2009, p.69), que, por sua vez, são fruto das interações que ali ocorrem. Existem dois tipos de interações, as mútuas, como conversas em *chats*, por exemplo, e as reativas, nas quais “há um processo de associação a uma ideia ou objeto que não é, exatamente, dialógica” (RECUERO, 2009, p.39).

As *Fanpages* ou “Página de fãs” são páginas específicas dentro do Facebook direcionadas para empresas, marcas, autônomos, ou qualquer organização sem fins lucrativos²². Em uma *Fanpage* pode-se observar os dois tipos de interação citados por Raquel Recuero (2009). A interação da página com os usuários é reativa, pois esses se filiam à mesma por quererem se associar às suas ideias. Além disso, essa conexão pode não ser recíproca, no sentido de diálogo entre os usuários e a página, e é mantida pelo sistema até que os usuários decidam desfiliar-se (RECUERO, 2009, p. 152). Mas nesse espaço ocorrem também interações mútuas entre os usuários, nos diálogos que estes travam nas seções de “comentários”.

Ainda com o intuito de delimitar a amostra foi escolhida a *Fanpage* “Juiz de Fora da depressão”²³, que se autodenomina como “Página de humor, entretenimento, ação social, diversidades e cultura no sentido plural”, e possui 64.150 seguidores até o presente

²¹ ALEXA. **Top sites in Brazil**. Disponível em: <<http://www.alexa.com/topsites/countries/B/R>>. Acesso em 06 jun. 14.

²² ALDABRA. **O que é uma Fanpage?**. Disponível em: <<http://www.aldabra.com.br/artigo/marketing-digital/o-que-e-uma-fanpage>> Acesso em 22 out. 2014.

²³ JUIZ DE FORA DA DEPRESSÃO. Disponível em: <<https://www.facebook.com/JFDepressao>>. Acesso em 04 nov. 2014.

momento²⁴. As interações ocorridas na “Juiz de Fora da Depressão” seguem o modelo citado acima, e é muito rara a ocorrência de diálogos entre a página e seus seguidores. No entanto, estes participam de diversas discussões entre si.

Outra característica pertinente aos processos comunicacionais ocorridos nas redes sociais que Recuero (2009) ressalta é o princípio de autoridade, “uma medida da efetiva influência de um ator com relação à sua rede, juntamente com a percepção dos demais atores da reputação dele” (RECUERO, 2009, p.113), conceito que dialoga com o desencadeamento de hierarquias baseadas na confiabilidade dentro das comunidades de fãs observadas por Jenkins (2008), citado no primeiro capítulo. É possível observar certa detenção desse princípio por parte da página, que poucas vezes recebe críticas severas em relação aos seus *posts*, algo que não ocorre nas interações mútuas entre os seguidores, nas quais críticas pejorativas são mais comuns.

4.2 DIAGRAMA MENTAL DA HIPÓTESE E DEDUÇÃO DOS EFEITOS PRÁTICOS

Como dito anteriormente, para o Pragmatismo, a busca pelo refinamento de hábitos mentais segue uma tríade de raciocínios. O primeiro, já explicitado, é o *flash* da abdução, por meio da qual a hipótese desta pesquisa foi lançada. Em seguida, já dentro do controle consciente, essa hipótese deve ser configurada num diagrama mental (PIMENTA, 2014, p.37) para que sejam deduzidos seus possíveis efeitos práticos, ou seja, “a próxima etapa consiste em transformar essa ideia geral em casos singulares que possam ser testados em nossa experiência prática, e esse é o trabalho das inferências dedutivas” (PIMENTA, 2014, p.41). Essas inferências devem indicar “consequências experimentais que possam ser testadas” (PIMENTA, 2014, p. 41).

Retornando então à hipótese e adicionando a ela as delimitações do caso estudado, é obtido o seguinte enunciado: O aumento da interação com o Facebook, mais especificamente com a *Fanpage* “Juiz de Fora da depressão”, se observada maior consciência de suas características funcionais, têm uma relação direta com a rejeição à democracia representativa vigente no Brasil e, dessa resistência, advém atitudes voltadas a ações presenciais e *online* contra essa forma de governo, dentro dessa amostra.

²⁴ Dados obtidos no dia 04 de Novembro de 2014.

Ao submeter a nova hipótese, delimitada, ao diagrama mental, pode-se deduzir seus possíveis efeitos práticos nas interações dessa comunidade. A seguir são destacados dois deles:

- 1- Considerando como válidos os termos “aumento da interação” e a condicional “maior consciência de suas características funcionais”, inserida no início da hipótese, os usuários que mais interagissem no site e demonstrassem mais consciência dos processos de funcionamento da página seriam aqueles que manifestariam maior rejeição ao padrão de participação política.
- 2- Considerando como verdadeira a afirmação incluída na hipótese “e dessa rejeição advém atitudes voltadas a ações online e presenciais contra essa forma de governo”, os usuários que mais interagissem e demonstrassem consciência dos processos de funcionamento da página seriam aqueles que demonstrariam engajamento contra essa forma de governo.

A partir desses efeitos, os testes empíricos puderam ser elaborados e aplicados na amostra.

4.3 TESTE EMPÍRICO

Para a verificação de possível existência desses efeitos práticos, deduzidos, na comunidade formada, foi elaborado um questionário com doze perguntas, segundo orientações metodológicas de Marconi e Lakatos (2003).

O questionário foi dividido em quatro seções, contemplando as quatro variáveis envolvidas na hipótese: 1. Tempo de interação com a plataforma multicódigo; 2. Consciência dos padrões de funcionamento do software, enquanto plataforma multicódigo; 3. Opinião sobre o padrão de participação política vigente; 4. Atitudes voltadas a ações online e presenciais contra essa forma de governo.

Foram enviados duzentos questionários em dois dias selecionados aleatoriamente e dado o prazo de trinta dias para as devoluções. Nesse período, vinte questionários foram devolvidos, um pouco abaixo da porcentagem de 25% de devoluções prevista por Marconi e Lakatos (2003). A seguir a análise das respostas será apresentada, explorando, primeiro, cada

uma das variáveis contidas na hipótese e, depois, por meio de um panorama amplo sobre a amostra como um todo.

5 ANÁLISE E RESULTADOS

5.1. VARIÁVEL “TEMPO DE INTERAÇÃO”

Para contemplar essa variável foi desenvolvida uma tríade de perguntas (1, 2 e 3) sobre o tempo médio gasto pelos entrevistados na internet, no site de rede social Facebook e na interação com a *Fanpage* “Juiz de fora da depressão”.

Quanto ao acesso à internet, verificou-se que 40% dos entrevistados ficam de 10 a 15 horas por semana *online* e 30% deles ultrapassam quinze horas semanais. Ou seja, 70% dos entrevistados dispensam em média duas horas por dia utilizando a internet.

Quase 100% da amostra passa boa parte desse período de utilização da internet logada no site de rede social Facebook: 40% deles afirmaram que assim que ligam seus computadores, abrem seus Facebooks, ficando logados praticamente em tempo integral e outros 45% afirmaram que passam aproximadamente metade do tempo em que estão *online* com o Facebook aberto.

Antes da verificação das porcentagens relativas à *fanpage* “Juiz de Fora da depressão” é necessário ressaltar que o recebimento de atualizações das *fanpages* está relacionado a softwares e dispositivos de vigilância digital. Por exemplo, um software classificado como “agente social” cria “grupos num banco de dados” e “zonas de agrupamentos de gosto” (BRUNO & VAZ, 2002, p.30), ou seja, “quanto mais cliques e acessos um usuário direciona para um conteúdo, mais a máquina lê como uma preferência, um interesse pessoal do leitor” (FAVA & PERNISSA JÚNIOR, 2014, p. 4), “em outras palavras, é como se o dono de um supermercado oferecesse um serviço de entrega de compras do mês baseado no histórico do que a pessoa consome” (FAVA & PERNISSA JÚNIOR, 2014, p.5).

Com base nesse conceito, é possível afirmar que quanto mais um usuário interagir com a *fanpage* mais receberá suas atualizações, e que os tipos de interação com essa página também serão levados em conta, tais como curtir, comentar e compartilhar os *posts* em determinadas frequências. Além disso, outros fatores também são levados em conta para o

recebimento de atualizações, a interação dos amigos mais próximos com a mesma página, se existe concorrência no *feed* do usuário entre páginas de gêneros semelhantes e o impulsionamento da própria publicação, ou seja, quanto mais interações uma publicação obtiver maiores as suas chances de chegar a mais usuários. No entanto, no caso do *site* de rede social Facebook, esse *software* é regido por algoritmos não divulgados.

Para que se chegasse a uma conta exata de porque certos usuários receberem mais *posts* da “Juiz de Fora da depressão” do que outros seria preciso a visualização desses algoritmos, além de todos os dados dos *feeds* dos usuários selecionados na amostra e do impulsionamento dos *posts* da página. Portanto, para tornar essa pesquisa possível será considerado apenas o fator “agente social”, ou seja, será suposto apenas que os entrevistados que mais recebem atualizações da *fanpage* são os que mais interagem com ela.

Por fim, as porcentagens: 40% dos entrevistados recebem atualizações da *fanpage* de três a cinco vezes por semana e outros 40% recebem atualizações diariamente. Isso quer dizer que 80% da amostra demonstraram uma taxa alta de interação com essa plataforma.

5.2 VARIÁVEL “CONSCIÊNCIA DOS PADRÕES DE FUNCIONAMENTO DO SOTWARE, ENQUANTO PLATAFORMA MULTICÓDIGO”

Nessa tríade (4, 5 e 6), a primeira questão tratava de um anúncio publicitário em três modelos de *posts* diferentes. Os três apresentavam um slogan comercial e o nome da loja, porém na alternativa “A” havia o endereço da loja escrito, na alternativa “B” um mapa da loja, retirado do *Google maps*, e na alternativa “C” a união dos dois códigos (Questionário disponível na seção de Anexos).

Considerando se tratar de uma publicidade, sua eficiência estaria ligada à sua potencialidade estética²⁵ e de boa compreensão. Portanto, o objetivo dessa pergunta era verificar qual *post* os entrevistados considerariam mais propenso a obter sucesso com possíveis clientes.

²⁵ Estamos adotando aqui o conceito morfológico de “estética”, palavra com origem no termo grego *aisthētiké*, que significa “aquele que nota, que percebe” não no sentido Peirceano de “ideal supremo”.

O *post* contendo dois códigos, o visual e o escrito foi considerado o mais eficiente para 55% dos entrevistados. Foi pedido aos participantes que manifestassem o porquê de suas escolhas e a partir de suas respostas foi possível observar a reincidência de alguns termos que foram categorizados, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 1- Alternativa mais marcada na questão 4

LETRA: C	QUANTIDADE/TOTAL: 11/20	PORCENTAGEM: 55%
NÚMERO DO QUESTIONÁRIO	JUSTIFICATIVA APRESENTADA	CATEGORIA
4	“Porque o anúncio possui o endereço por escrito e o mapa. Assim se o visualizador já conhece o local, não necessita clicar no mapa, caso o contrário ele tem a possibilidade de consultar o mapa.”	Mais Completo
6	“Por ser <u>mais completo</u> e bem explicativo, aí não terá erro de achar a localização.”	Mais Completo
9	“Escolheria este, pois considero <u>mais claro</u> , <u>mais chamativo</u> , também”	Melhor compreensão/ Melhor apresentação
10	“Pois fica mais visual e <u>mais completo</u> o anúncio, mas não colocaria a foto do mapa, mas sim da loja, acho que <u>chamaria mais a atenção</u> ”	Mais completo/ Melhor apresentação
11	“Porque informação nunca é demais”	Mais completo
12	”A descrição do endereço e a visualização no mapa <u>facilita a compreensão</u> sobre o local do estabelecimento”	Melhor compreensão
18	“Pois com o mapa fica <u>mais fácil</u> achar a localização, uma praticidade a mais pra quem já sair com o local exato na cabeça sem perda de tempo”	Melhor compreensão
19	“Porque está <u>explicando bem</u> como chegar”	Melhor compreensão
15	“Porque é mais detalhado, eu acho”	Mais completo
13	“Porque fica <u>mais fácil</u> da pessoa se localizar, pois se a pessoa não pode abrir a imagem ela não iria saber onde que fica a That’s biquínis”	Melhor compreensão
8	“Das três opções é a <u>mais completa</u> . Tem a informação escrita com a imagem, que <u>chama a atenção</u> ”	Mais completo/ Melhor apresentação

Portanto, de acordo com as respostas acima, uma mensagem feita no padrão multicódigo possui melhor apresentação, no sentido estético, chamando mais atenção dos receptores; seu conteúdo é mais bem compreendido e ela é considerada mais completa pela maioria dos participantes. Já os 40% que discordaram dessa alternativa (Uma pessoa, 5%, deixou a resposta em branco) afirmaram em sua maioria que basta apenas o uso de um código para a mensagem ser compreendida.

Um dos entrevistados que optou pelo uso exclusivo do código escrito fez uma crítica ao caso específico de mapas e outro indicou que “seu maior interesse” seria pelo produto. Essas respostas poderiam refletir não necessariamente a exclusão do código visual, mas uma preferência por uma foto da loja com maior apelo publicitário em vez do mapa indicando a localização. Veja os detalhes nas tabelas abaixo:

Tabela 2- Segunda alternativa mais marcada na questão 4

LETRA: B	QUANTIDADE/TOTAL: 4/20	PORCENTAGEM: 20%
NÚMERO DO QUESTIONÁRIO	JUSTIFICATIVA APRESENTADA	CATEGORIA
1	“Falo do produto, dou o nome do local e a pessoa, se tiver interesse olha a localização”.	Maior objetividade
14	“Mais objetivo”.	Maior objetividade
16	“O post 2 tem o texto ‘slogam’ e a foto do local, o endereço escrito seria desnecessário, eu acho”	Basta o Código visual
20	“Acredito que a imagem chame mais atenção e o texto com o endereço seja desnecessário, pois já existe a imagem”	Basta o Código visual

Tabela 3- Terceira alternativa mais marcada na questão 4

LETRA: C	QUANTIDADE/TOTAL: 4/20	PORCENTAGEM: 20%
NÚMERO DO QUESTIONÁRIO	JUSTIFICATIVA APRESENTADA	CATEGORIA
2	“Não acho que as opções 2 e 3 sejam compatíveis com a ferramenta. Um link levando ao Google maps seria mais adequado.”	Incompatibilidade com a plataforma

3	“Nem todo mundo entende mapas, se a pessoa tiver real intenção de conhecer a loja ela mesma vai procurar o mapa, eu pelo menos sempre faço isso”.	Basta o código Verbal
5	- deixou em branco	
17	“Porque basta para mim o endereço certo e o meu maior interesse é pelo produto.”	Basta o código Verbal

A outra questão que compunha essa tríade (5) era referente à utilidade pública. Foi perguntado aos entrevistados como eles prefeririam receber uma notícia de um acidente que atrasasse as atividades de trânsito em uma via que estivesse em seus itinerários, segundos antes que eles saíssem de casa. Novamente foram oferecidas três alternativas de *posts*, uma com o código visual, uma com o código escrito e uma multicódigo.

Considerando a circunstância imaginária em que essa notícia seria recebida, sua eficiência estaria ligada a rapidez de sua compreensão. Portanto, o objetivo dessa pergunta era verificar qual dos posts os entrevistados associariam a essa rapidez e clareza.

A maioria dos entrevistados, 75%, escolheu a opção multicódigo. Novamente, os termos “mais completo” e “melhor compreensão” apareceram diversas vezes, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 4- Alternativa mais marcada na questão 5

LETRA: C	QUANTIDADE/TOTAL: 15/20	PORCENTAGEM: 75%
NÚMERO DO QUESTIONÁRIO	JUSTIFICATIVA APRESENTADA	CATEGORIA
1	“É o <u>post mais completo</u> , dá mais informações e a fotinha, caso queira ver”.	Mais completo
2	“O post 3 possui informação correta e <u>completa</u> e imagem”.	Mais completo
3	“Para <u>saber a real gravidade do problema</u> para estimar se vai demorar pra ser resolvido ou não”.	Melhor Compreensão
4	“Porque possui escrito com <u>maiores detalhes</u> o que aconteceu e a imagem que pode atuar como um	Mais completo

	<u>complemento do que foi escrito</u> ”	
6	“Com a imagem dá pra se ter uma base de como está o trânsito, sendo que só com a notícia escrita ficamos imaginando, prefiro ter a notícia <u>completa</u> ”.	Mais completo
7	“ <u>Saberia a real</u> situação do acidente e não ficaria imaginando coisas terríveis”.	Melhor Compreensão
9	“Escolheria este, pois o considero <u>mais claro</u> , além de as imagens me orientarem onde exatamente o acidente aconteceu”	Melhor Compreensão
10	“Pois <u>é a melhor pra identificar</u> o local exato do acidente, evitando assim não passar no local, usando rotas alternativas”	Melhor Compreensão
11	“Porque informação nunca é demais”	Mais completo
12	“ Imagem e descrição <u>facilitam na compreensão</u> da gravidade do acidente”.	Melhor Compreensão

Nas repostas dos 25% que discordaram não houve reincidência de termos ou padrões, como pode ser visto nas tabelas abaixo:

Tabela 5- Segunda alternativa mais marcada na questão 5

LETRA	QUANTIDADE/TOTAL	%
B	3/20	15%
Nº QUESTIONÁRIO	Porque...	Categoria
5	– deixou em branco	
19	“Com a foto fica bem mais claro e mais rápido”	Basta o código visual
15	“Porque é mais fácil ver pela “#” quem mais disse isso”	Incompatibilidade com a plataforma

Tabela 6- Terceira alternativa mais marcada na questão 5

LETRA	QUANTIDADE/TOTAL	%
A	2/20	10%
Nº QUESTIONÁRIO	Porque...	Categoria
14	Mensagem mais clara em relação à referência	Melhor compreensão
17	Porque acho sensacionalista a foto, desnecessária em um informativo de utilidade pública.	Basta o código verbal

A última questão desta tríade (6) foi uma introdução ao tema “política” no questionário. Lembrando que a pesquisa foi feita durante o mês de Outubro, período das eleições presidenciais no Brasil, logo depois do anúncio dos candidatos que comporiam o segundo turno. Foi pedido aos entrevistados que escolhessem o *post* que transmitisse a mensagem mais clara sobre essa composição.

Como se trata de uma mensagem informativa, sem caráter emergencial, como no caso da questão anterior, e que aborde assunto já conhecido por quase todos no país, sua eficiência não estaria muito ligada à compreensão do assunto, mas a uma determinada forma de expressão e apelo estético.

Para essa questão foi escolhida a imagem abaixo, que possui caráter autoexplicativo, ainda mais se for considerado o contexto de alta divulgação do assunto na época, o que poderia fazer o código visual prevalecer nas escolhas.

Figura 1- Imagem dos candidatos que participaram do 2º turno das eleições presidenciais.



Ainda assim, 70% dos entrevistados preferiram a alternativa multicódigo, na qual a imagem acima vinha acompanhada da legenda “#Dilma e Aécio no 2º turno das eleições!” Desse total, 25% apontaram essa como a melhor opção por ser a mais completa, e outros 25% por ser a mais apresentável, no sentido estético. E 15% escolheram essa opção por acreditarem que a união dos códigos traz melhor compreensão, como pode ser visto na tabela abaixo:

Tabela 7- Alternativa mais marcada na questão 6

LETRA: B	QUANTIDADE/TOTAL: 14/20	PORCENTAGEM: 70%
NÚMERO DO QUESTIONÁRIO	JUSTIFICATIVA APRESENTADA	CATEGORIA
1	“idem a resposta anterior”- “É o post <u>mais completo</u> , dá mais informações e a fotinha, caso queira ver”.	Mais completo
2	“ O Post 2 é <u>completo</u> , contendo informação e imagem”.	Mais completo
3	“ Notícias são <u>mais interessantes</u> quando tem imagens”.	Melhor apresentação
4	“ Nesse caso, apesar de já conhecer os envolvidos na notícia, a notícia <u>fica melhor apresentada no Post 2</u> ”.	Melhor apresentação
5	- deixou em branco	-
6	“Prefiro a forma escrita com a imagem”.	Mais completo
10	“Quando se tem foto o post <u>chama mais a atenção</u> , o ser humano é muito visual, é <u>mais fácil</u> para ler um texto que tem foto do que um que não tem”.	Melhor apresentação/ Melhor compreensão
12	“A exibição da imagem dos candidatos lado a lado aumenta a sensação de duelo”.	Melhor compreensão
16	“Porque além do texto pequeno tem a imagem dos candidatos para ilustrar”	Mais completo
20	“Idem ao anterior”- “A imagem <u>chama a atenção</u> para o Post. Um Post sem imagem geralmente não é lido (acredito assim) e a explicação escrita	Melhor apresentação Melhor compreensão

	ajuda a entender o que está acontecendo”	
8	” Idem ao anterior”- “Das três opções é a <u>mais completa</u> . Tem a informação escrita com a imagem, que <u>chama a atenção</u> para o post”.	Mais completo Melhor apresentação
18	“Não gosto de me envolver em política, pelo que dá para ver muitos não sabem o que dizem e com isso acaba acontecendo inimizades por causa de pouca coisa. Mas se fosse escolher, escolheria o 2”.	Motivo não identificado
13	“Porque se a pessoa não souber que é a Dilma e quem é o Aécio poderá saber pela foto e também pode fazer uma propaganda política para os dois candidatos se a pessoa não souber em quem votará ainda.”	Destaque para o código visual
17	“Acho interessante a foto do candidato em uma propaganda política”	Destaque para o código visual

Dos 30% que escolheram as outras opções, 20% alegaram que a mensagem poderia ser compreendida apenas com o uso do código visual, o que já era esperado pelo caráter autoexplicativo da imagem.

5.3 VARIÁVEL “OPINIÃO SOBRE O PADRÃO DE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA VIGENTE”

A primeira pergunta dessa tríade (7) foi relacionada à confiança depositada nos representantes. Foi perguntado aos entrevistados se para eles existe uma segurança de que os candidatos eleitos irão representar as vontades do povo. As respostas foram pessimistas: 45% marcaram a opção que “depois de eleitos os candidatos se distanciam do povo”, outros 40% afirmaram que não existe essa segurança por conta das dificuldades burocráticas e, por fim, 10% assinalaram que o problema dos representantes nem sempre cumprirem a vontade dos representados é devido à própria dificuldade de discerni-la, pois a vontade do povo é dispersa. Seja qual for o motivo, 95% da amostra mostrou descrença em relação ao modelo representativo e esse ceticismo se confirmou na pergunta número 9.

Ao serem perguntados sobre quais seriam as melhores formas do país tomar decisões importantes (9) nenhum dos entrevistados marcou a letra “d”, que seria: “através de votações dos representantes do poder Legislativo (deputados, senadores e vereadores) em seus locais institucionais”.

Os participantes marcaram as outras letras que definiam formas alternativas ao processo vigente: 70% indicaram a prática de plebiscito como melhor forma, 15% optaram pela “democracia direta por meios digitais” e outros 15% concordaram que as leis sejam votadas pelo poder Legislativo, desde que todas as sessões sejam públicas.

É importante refletir que o termo “democracia direta por meios digitais” talvez não seja uma opção muito clara para muitos participantes, que provavelmente nunca ouviram falar das “ágoras virtuais” de Lévy. No entanto, a escolha pelo plebiscito pode indicar um desejo pela democracia direta, afinal o plebiscito é “uma votação popular sobre assuntos de relevância constitucional, sendo, por isso, um instrumento de democracia direta” (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 1998, p. 927), e, assim, o termo indica “pronunciamentos populares não precedidos por atos estatais” (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 1998, p. 927).

Na questão 8 foi permitido aos entrevistados marcarem mais de uma opção. A pergunta foi reproduzida abaixo para que a compreensão de suas repostas seja mais clara, visto que essa questão fez emergirem algumas contradições na amostra.

8- Para você, qual é a melhor forma de suas opiniões sobre as decisões públicas do seu país ou cidade serem ouvidas? Se desejar marcar mais de uma opção numere de 1 a 5, sendo 1 a sua maior preferência.

- A() Elegendo alguém que tenha as mesmas opiniões que as minhas.
- B() Procurando a mídia (TV e rádio) para fazer reportagens de denúncia.
- C() Participando de partidos e sindicatos.
- D() Compartilhando suas opiniões na internet e participando de movimentos online.
- E() Organizando movimentos de protestos e greves.

Em relação à condicional “se desejar”, muitas pessoas marcaram apenas uma opção, outra marcaram três, e algumas numeraram suas preferências de 1 a 5. A tabela a seguir apresenta as alternativas mais marcadas como primeiras, segundas e terceiras opções.

Tabela 8- Alternativas marcadas na questão 8

Questão 8						
	Primeira opção	%	Segunda opção	%	Terceira opção	%
A	1/ 8/ 3/ 7/ 13/ 20/ 16	35%	2/ 10/	10%	6/ 17/	10%
B	18/ 4	10%	6/ 8/	10%	2/	5%
C	10/ 12/ 17/ 5/ 9	25%	3/	5%	8/	5%
D	6/ 15/ 14/ 19	20%	18/ 13/ 9/ 17/ 12/ 20	30%	1/ 10	10%
E	2/	10%	1	5%	3/ 9/20	15%

35% dos entrevistados marcaram a alternativa A “Elegendo alguém que tenha as mesmas opiniões que as minhas” como sua primeira opção. Isso pode representar uma contradição em relação às respostas da questão 9 ou uma má compreensão da diferença entre “melhor forma” e “melhor forma existente”. Ou seja, pode ser que a amostra considerou que no modelo de participação atual, representativo, a melhor forma de ser ouvido seria escolhendo um bom representante, mas talvez não ponderou a opção por um outro modelo.

A segunda alternativa mais marcada como primeira opção foi a C “Participando de partidos e sindicatos.” No entanto, quando perguntados sobre o envolvimento com essas organizações, apenas 10% alegaram participar ou já terem participado delas.

A alternativa D “Compartilhando suas opiniões na internet e participando de movimentos online.” foi a que mais recebeu algum tipo de marcação, sendo a terceira mais citada como primeira opção e a primeira mais escolhida como segunda opção. Isso pode indicar a emergência da valorização do uso da internet para as questões políticas.

5.4 . VARIÁVEL “ATITUDES VOLTADAS A AÇÕES *ONLINE* E PRESENCIAIS”

Apenas 3 dos 20 entrevistados já integraram ou integram algum partido político. Dos 85% que nunca se filiaram a qualquer partido, 20% procuram acompanhar as atividades desenvolvidas por essas organizações, lendo notícias ou procurando saber sobre eles. A participação nos sindicatos é ainda menor, pois apenas dois entrevistados alegaram participar

integralmente, e dos 90% que nunca se filiaram a um sindicato, somente 15% alegaram acompanhar notícias e informativos sobre eles.

Quando a pergunta foi sobre manifestações e protestos, o quadro ficou mais equilibrado: 40% dos entrevistados já participaram de um protesto ou manifestação nas ruas, 20% já se envolveram em greves e 5% já realizaram ocupações pacíficas.

5.5 PANORAMA GERAL DO COMPORTAMENTO DA AMOSTRA

Voltando aos efeitos práticos deduzidos a partir da hipótese, temos o efeito 1. “os usuários que mais interagissem com a plataforma e demonstrassem mais consciência de seus processos de funcionamento seriam aqueles que apresentariam maior rejeição ao padrão de participação política”; e o efeito 2. “os usuários que mais interagissem e demonstrassem consciência dos processos de funcionamento da página seriam aqueles que adotariam atitudes voltadas a ações online e presenciais contra essa forma de governo”.

Para verificar a validade dessas afirmações no sentido amplo da amostra foi construído um sistema de valoração em cada alternativa das questões, com valores compreendidos entre três e dez. Assim, na questão 1, por exemplo, eles seriam distribuídos da seguinte forma:

- 1- Quantas horas por semana você fica na internet?
- A () 7 horas ou menos - valor 3
 - B () 8 a 10 horas - valor 5
 - C () 10 a 15 horas - valor 8
 - D () mais de 15 horas - valor 10

Com essa distribuição, o valor máximo que cada entrevistado poderia obter ao final de cada tríade seria 30.

É importante fazer, aqui, algumas observações: 1. Para que os cálculos fossem facilitados, foram consideradas apenas as alternativas correspondentes às primeiras opções marcadas na questão oito; 2. Não estão sendo consideradas as justificativas apresentadas na tríade sobre a consciência dos processos de funcionamento da plataforma; 3. Na questão 12, alguns entrevistados marcaram mais de uma opção.

A seguir, as tabelas com as médias alcançadas por cada entrevistado:

Tabela 9- Médias alcançadas na 1ª triáde

1ª Triáde- Tempo de interação com a plataforma				
Média	< 15	15-20	20-25	25-30
Nº do Questionário	17	5/ 9	1/ 6/ 8/ 10/ 13/18/19	2/ 3/ 7/ 11/ 12/ 14/ 15/ 16/ 20

Tabela 10- Médias alcançadas na 2ª triáde

2ª Triáde- Consciência dos padrões de funcionamento da plataforma				
Média	< 15	15-20	20-25	25-30
Nº do Questionário	-	14	5/ 7/ 15/ 17/19	1/ /2/ 3/ 4/ 6/ 8/ 9/ 10/ 11/ 12/ 13/ 16/ 18/ 20

Tabela 11- Médias alcançadas na 3ª triáde

3ª Triáde- Opinião sobre o processo de participação política				
Média	<15	15-20	20-25	25-30
Nº do Questionários	-	3/ 5/ 8/ 17	1/ 4/ 7/ 9/ 10/13/ 14/ 16/ 18/ 20	2/ 6/ 11/ 12/ 15/ 19

Tabela 12- Médias alcançadas na 4ª triáde

4ª Triáde- Atitudes voltadas a ações presenciais				
Média	<15	15-20	20-25	25-30

Nº do	4/ 6/ 17/ 11/	2/ 8/ 9/ 10/	1/ 5/ 19/	3/ 12/ 17/
Questionário	14/ 16/ 18/	13/ 15/ 20		

Considerando como médias altas aquelas que estiverem compreendidas entre 20 e 30, teremos as seguintes conclusões: 1. Dos dezesseis entrevistados que obtiveram média alta em “tempo de interação”, apenas um não obteve média alta em “consciência do padrão de funcionamento da plataforma”; 2. Dos dezenove entrevistados que obtiveram média de 20 a 30 na tríade de “consciência do padrão de interação”, apenas três não obtiveram a mesma média em “tempo de interação”. Isso demonstra que tempo de interação e consciência do modo de funcionamento operam juntos, ou seja, quanto mais tempo uma pessoa interagir com uma plataforma mais chances ela terá de desenvolver consciência de seu padrão de funcionamento. Esse dado ganha relevância quando a fala do professor Eiríkur Bergmann, de que o Brasil tem grande potencial de chegar ao patamar da Islândia se resolver as questões de acesso é relembrada.

Para se afirmar que existe uma proporção direta entre o tempo de interação com a plataforma multicódigo, se observados os fatores de consciência dos seus padrões de funcionamento e de rejeição ao padrão interativo político, é preciso que os mesmos entrevistados alcancem média alta nas três primeiras tríades, o que ocorreu com 65% da amostra. Somando a essa porcentagem mais 10% que demonstraram consciência do padrão de funcionamento, mesmo não passando muito tempo na internet, teremos 75% da amostra classificados como interatores conscientes com a plataforma multicódigo que rejeitam o padrão de participação política. Portanto, o efeito 1 que fora deduzido a partir da hipótese se confirmou.

A tríade de “atitudes online e presenciais”, na verdade, acabou se referindo apenas a atitudes presenciais, com perguntas sobre a participação dos entrevistados em sindicatos, partidos políticos, greves, protestos, etc. Os entrevistados demonstraram pouco engajamento nessas formas de luta, pois apenas seis deles alcançaram média superior a 20. Desses seis, a metade também alcançou a média máxima nas outras tríades (questionários nº 1, nº 12 e nº 19), o que sinaliza que o efeito 2 previsto a partir da hipótese não se confirmou no que diz respeito a “atitudes presenciais”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a década de 60, vários autores, como McLuhan, Norbert Weiner e Vannevar Bush, levantaram reflexões sobre como o uso das tecnologias de comunicação alteraria a percepção e a cognição humana, promovendo o fortalecimento da coletividade. Mais tarde, Pierre Lévy sugeriu que essa mente coletiva poderia voltar seus esforços para a área política, na construção de um sistema de democracia direta, através de “ágoras virtuais”.

Alguns autores, como Jenkins e Rheingold concordaram com Lévy, mas trouxeram um novo olhar sobre essa questão: para que um sistema de participação direta na política via tecnologias de comunicação fosse possível, não bastaria apenas resolver as questões de acesso, mas também desenvolver a educação e um esclarecimento da população, a fim de habilitá-la ao uso consciente do ciberespaço.

Essas teorias poderiam ser consideradas como realidades distantes há duas décadas. No entanto, a partir do ano de 2009, movimentos em busca da inovação social se alastraram por diversos países, nos quais manifestantes clamaram por reformas políticas, demonstrando sentimentos de rejeição em relação aos padrões estabelecidos.

A Islândia constitui um exemplo relevante entre os países que passaram por grandes transformações após a ocorrência desses movimentos. Em decorrência da “Revolução das panelas”, uma comissão foi delimitada para escrever uma nova Carta constituinte, e esta criou diversos canais de comunicação *online* para que a população da ilha opinasse e deliberasse sobre as novas leis. Os fatos ocorridos na Islândia foram descritos como exemplares nesta pesquisa pelo fato de Castells apontá-los como um processo-modelo (CASTELLS, 2012, p.24), devido aos resultados obtidos pelos manifestantes em um curto espaço de tempo, e, ainda, pela proximidade em relação às ideias propostas por Lévy.

A partir da reflexão sobre a situação islandesa, foram feitas comparações com a realidade brasileira, embora tenha de se considerar a distância entre os dois países, tanto na quantidade de acessos à internet, quanto em relação à experiência democrática vivenciada pela população. No entanto, Castells e Eiríkur Bergmann afirmam que o Brasil tem grande potencial para chegar a um processo semelhante, principalmente por também ter sido palco de protestos em 2013.

A articulação do contexto existencial representado pela realidade local e global de procura por novas formas de governo associadas às tecnologias de comunicação, com o

pensamento de autores que previram que esse avanço ocasionaria o enfraquecimento da democracia representativa, trouxe uma reflexão. Pergunta-se se, de fato, a interação com as plataformas multicódigos estaria trazendo algum tipo de rejeição ao modelo de governo vigente no Brasil, e se os protestos e ações do gênero seriam consequências desse sentimento.

Como resposta provisória a esta questão foi lançada a seguinte hipótese: à medida que aumenta a interação dos cidadãos com os processos comunicacionais multicódigos, caso seja observada consciência de suas características funcionais, maior é a rejeição à democracia representativa brasileira. Assim, por causa dessa resistência, as pessoas tomam atitudes *online* e presenciais contra essa forma de governo.

Adotando o Pragmaticismo como método, a pesquisa seguiu uma tríade de raciocínios lógicos, começando pela abdução, no lançamento da hipótese. Como segundo passo dessa tríade foram deduzidos dois efeitos práticos que seriam observados caso a hipótese estivesse correta: 1. “os usuários que mais interagissem com a plataforma e demonstrassem mais consciência de seus processos de funcionamento seriam aqueles que apresentariam maior rejeição ao padrão de participação política”; 2. “os usuários que mais interagissem e demonstrassem consciência dos processos de funcionamento da plataforma seriam aqueles que adotariam atitudes voltadas a ações *online* e presenciais contra essa forma de governo”.

Os testes desses possíveis efeitos imaginados a partir da hipótese foram realizados em uma amostra de vinte usuários do site de rede social Facebook, escolhidos aleatoriamente, que tinham em comum apenas a associação à *fanpage* de humor e utilidade pública que posta conteúdos associados à política, intitulada “Juiz de Fora da Depressão”

Os participantes responderam a um questionário com doze perguntas divididas em quatro variáveis contidas na hipótese: tempo de interação com a plataforma multicódigo; consciência do modo de funcionamento da plataforma enquanto multicódigo; rejeição à democracia representativa, e atitudes *online* e presenciais tomadas em relação a esta questão.

Verificou-se na amostra alto grau de tempo de interação com a plataforma, com 70% dos entrevistados dedicando em torno de duas horas diárias à internet. Nesse tempo, quase todos ficam conectados ao Facebook, e recebem entre 3 e 7 *posts* da *fanpage* “Juiz de Fora da Depressão” semanalmente.

Para averiguar à consciência desses usuários em relação ao processo de funcionamento do *site*, foi pedido a eles que escolhessem as mensagens que considerassem

mais eficientes e apropriadas para a plataforma e que justificassem suas escolhas. Nas três perguntas sobre esta variável a maioria dos participantes escolheu as opções multicódigos e justificou essa escolha apontando características funcionais desse tipo de plataforma.

As justificativas foram dispostas em tabelas e classificadas pela reincidência de termos. Nessa divisão, três categorias se destacaram por estarem presentes em praticamente todas as respostas dos participantes que escolheram as opções multicódigos. São elas: “mais completa”, “melhor compreensão” e “melhor apresentação”. Portanto, esses usuários demonstraram ter a consciência de que usar mais de uma opção de código disponibilizado pela plataforma torna a mensagem mais eficiente, compreensível e apelativa.

Nas respostas sobre a variável “rejeição à democracia representativa”, 95% dos entrevistados manifestaram descrença em relação aos representantes e 70% indicaram o plebiscito como a melhor forma de se tomar decisões importantes para o País. Considerando a definição de Bobbio, Matteuci e Pasquino do plebiscito como um instrumento de democracia direta, pode-se afirmar que a amostra expressou desejo por uma forma de participação contrária à democracia representativa.

Apesar dos participantes terem demonstrado insatisfação com a democracia representativa brasileira, esse sentimento aparentemente não se reflete em atitudes voltadas para algum tipo de engajamento. Em relação às atuais formas de luta, embasadas na representação burocratizada, eles expressaram descrença: 85% deles nunca se filiaram a partidos e 90% nunca se vincularam a sindicatos. Porém, quando se trata de formas de mobilização da opinião pública desvinculadas de instituições, o quadro ficou um pouco mais otimista: 40% dos entrevistados já participaram de um protesto ou manifestação nas ruas, 20% já se envolveram em greves, e 5% já realizaram ocupações pacíficas.

Com os resultados obtidos pelos testes empíricos chega-se à indução, o último tipo de raciocínio da tríade lógica proposta pelo Pragmaticismo enquanto método, no qual é feita uma comparação entre os efeitos previstos na hipótese e as características da amostra para que uma lei geral seja proposta a partir do caso particular estudado.

Nessa comparação, percebe-se que o efeito 1 se confirmou na amostra escolhida, com 75% dos participantes sendo classificados como interatores conscientes com a plataforma multicódigo que rejeitam o padrão de participação política. Já o efeito 2 não se confirmou, pois apenas 15% dos participantes que expressaram rejeição à democracia brasileira e

consciência dos processos de funcionamento das plataformas também demonstraram engajamento em questões relacionadas à política.

Ao considerar os casos em que é observada uma consciência crítica dos internautas sobre os processos comunicacionais multicódigos, conclui-se que: na medida em que aumenta a interação dos cidadãos com os processos comunicacionais multicódigos, aumenta também a rejeição à democracia representativa brasileira, mesmo que essa resistência ainda não desperte nos brasileiros atitudes presenciais contra essa forma de governo.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, Noberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Editora UNB, 1998.

BRUNO, F.; VAZ, P. *Agentes.com: cognição, delegação, distribuição*. Revista Contracampo. Vol. 7, No 0, ano 2002. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/contracampo/article/view/15/14>>. Acesso em: junho 2014.

FAVA, Gihana Proba; PERNISA JÚNIOR, Carlos. *Filtros Bolha nos Algoritmos do Facebook: Um Estudo de Caso nas Eleições para Reitoria da UFJF*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1949-1.pdf>>

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

LÉVY, Pierre. *A Inteligência coletiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MANIN, Bernard. *As metamorfoses do governo representativo*. RBCS 29: 5-34.1995. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_29/rbcs29_01.htm>. Acesso em fevereiro 2014.

McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

NÖTH, Winfred. *Panorama da Semiótica de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume 1995.

PEIRCE, Charles Sanders. *Collected Papers*. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958.

_____, Charles S., *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Vol. I-VI. C. Heratshhorne et Paul Weiss (eds), Vol. VII-VIII Arthur Burks (eds.) Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1931-1958. Citado CP seguido do número do volume e número do parágrafo.

_____, *Obras Incompletas*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PIMENTA, Francisco. *Comunicação multicódigos e o pensamento mutante*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014 (no prelo).

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura)

RHEINGLOD, Howard. *A comunidade virtual*. Lisboa: Gradiva, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. (1997). *Roteiro Para a Leitura de Peirce*. In PARLATO, Erika Maria et SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa. *O Sujeito Entre a Língua e a Linguagem*. São Paulo, Editora Lovise. 93-114.

_____. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ANEXOS

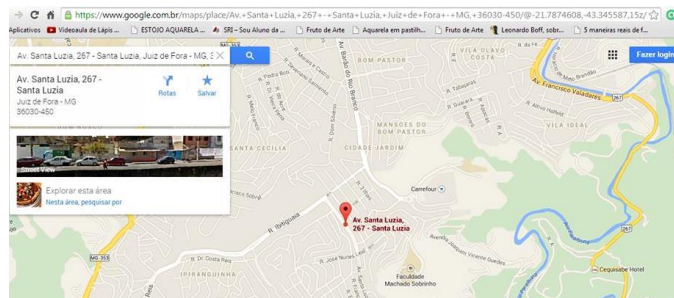
ANEXO A – LISTA DE LINKS DE REPORTAGENS E ARTIGOS QUE APRESENTAM O DISCURSO DE INSATISFAÇÃO POLÍTICA COM CONOTAÇÃO GERAL E APARTIDÁRIA:

1. G1 BRASIL. Resultado das manifestações de junho. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/linha-tempo-manifestacoes-2013/platb/>>. Acesso em 10 out. 2014.
2. ESTADÃO- POLÍTICA. **Ibope: Protestos derrubam credibilidade das instituições.** Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,ibope-protestos-derrubam-credibilidade-das-instituicoes,1059657>>. Acesso em: 20 nov. 2013.
3. BRASIL POST. Protestos, jovens ativistas e engajamento político no Brasil: a todo vapor. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/oliver-stuenkel/protestos-jovens-ativista-e-engajamento-politico_b_6215336.html>. Acesso em 01 dez. 2014.
4. REVISTA DE HISTÓRIA.COM.BR. **O protesto de 17 de junho de 2013.** Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/o-protesto-de-17-de-junho-de-2013>>. Acesso em 19 jun. 2013.
5. ZH ELEIÇÕES. **O que sobrou dos protestos de Junho de 2013.** Disponível em:<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/eleicoes-2014/noticia/2014/10/o-que-sobrou-dos-protestos-de-junho-de-2013-4613638.html>> Acesso em 21 out. 2014.
6. UOL NOTÍCIAS. **Em dia de maior mobilização, protestos levam mais de um milhão de pessoas às ruas no Brasil.** Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/em-dia-de-maior-mobilizacao-protestos-levam-centenas-de-milhares-as-ruas-no-brasil.htm>> Acesso em 01 dez. 2014.
7. JORNAL DO BRASIL. “O que não falta é motivo para protestar”, diz manifestante. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2013/06/17/o-que-nao-falta-e-motivo-para-protestar-diz-manifestante/>> Acesso em 01 dez. 2014.

ANEXO B – QUESTIONÁRIO ENVIADO AOS ENTREVISTADOS

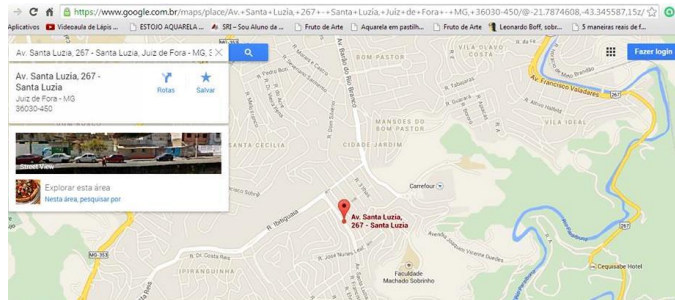
Questionário

- 1- Quantas horas por semana você fica na internet?
 A () 7 horas ou menos
 B () 8 a 10 horas
 C () 10 a 15 horas
 D () mais de 15 horas
- 2- Do tempo que você utiliza a internet, quanto é gasto no Facebook?
 A () Praticamente todo o tempo. Assim que ligo o computador abro o meu Facebook.
 B () Aproximadamente metade do tempo.
 C () Pouco tempo. A cada 2 horas que fico na internet, fico 30 minutos no Facebook.
 D () Quase nenhum. Entro no Facebook raramente.
- 3- Quantas vezes por semana você entra ou recebe atualização da página “Juiz de Fora da depressão”?
 A () uma ou duas vezes
 B () de 3 a 5 vezes
 C () todos os dias
- 4- Se você fosse anunciar sua loja em uma *fanpage* no Facebook, qual modelo de anúncio escolheria?
 A () Post 1
 Quer um biquíni do seu jeito? Venha na Thati´s, biquínis sob medida!
 Nosso endereço é Avenida Santa Luzia 267, no bairro Santa Luzia.
 B () Post 2
 Quer um biquíni do seu jeito? Venha na Thati´s, biquínis sob medida!



C () Post 3

Quer um biquíni do seu jeito? Venha na Thati's, biquínis sob medida!
Nosso endereço é Avenida Santa Luzia 267, no bairro Santa Luzia.



Por quê?

- 5- Suponha que você passasse pelo trevo do Jardim Glória todos os dias para trabalhar e um dia, segundos antes de sair de casa recebesse a informação abaixo. De qual jeito você preferiria receber a informação?

A () Post 1

Acabou de acontecer um acidente no trevo do Jardim Glória. O trânsito está lento na descida do morro do Privilege.

B () Post 2

#trânsitolento



C () Post 3

Acabou de acontecer um acidente no trevo do Jardim Glória. O trânsito está lento na descida do morro do Privilege.



Por quê?

6- Em sua opinião, qual é a melhor forma de passar a informação abaixo no Facebook?

A () Post 1

#Dilma e Aécio no 2º turno das eleições!

B () Post 2

#Dilma e Aécio no 2º turno das eleições!



C () Post



Por quê?

7- Em sua opinião, existe uma segurança de que os candidatos eleitos irão representar as vontades do povo?

A () sim.

B () nem sempre, por conta das dificuldades burocráticas.

C () não, por conta da vontade do povo ser dispersa.

D () não, depois de eleitos os candidatos se distanciam do povo.

8- Para você, qual é a melhor forma de suas opiniões sobre as decisões públicas do seu país ou cidade serem ouvidas? Se desejar marcar mais de uma opção numere de 1 a 5, sendo 1 a sua maior preferência.

A () Elegendo alguém que tenha as mesmas opiniões que as minhas.

B () Procurando a mídia (TV e rádio) para fazer reportagens de denúncia.

- C () Participando de partidos e sindicatos.
- D () Compartilhando suas opiniões na internet e participando de movimentos online.
- E () Organizando movimentos de protestos e greves.

9- Para você, qual é a melhor forma do país tomar as decisões mais importantes?

- A () através de plebiscitos (quando os cidadãos são convocados para votarem se concordam ou não).
- B () democracia direta por meios digitais.
- C () através de votações dos representantes do poder Legislativo que sejam abertas ao público (audiências públicas).
- D () através de votações dos representantes do poder Legislativo (deputados, senadores e vereadores) em seus locais institucionais.

10- Você integra ou já integrou um partido político?

- A () sim.
- B () não.
- C () não, mas acompanho um partido de longe, lendo suas notícias ou procurando saber sobre.

11- Você integra ou já integrou algum sindicato?

- A () sim.
- B () não.
- C () não, mas acompanho um sindicato de longe, lendo suas notícias ou procurando saber sobre.

12- Você já participou de alguma movimentação de protesto? Marque mais de uma opção se desejar.

- A () sim, já participei de uma greve.
- B () sim, já participei de uma manifestação na rua .
- C () sim, já participei de uma ocupação pacífica.
- D () não.

Muito obrigada pela sua participação!